

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 637	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Liaboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	5 DE SETEMBRO DE 1896	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



NAS PRAIAS — *Vid Chronica Occidental*



CHRONICA OCCIDENTAL

Setembro. Mez de ferias.

Ferias nos collegios. Ferias nos tribunaes.

Gosam as crianças, divertem-se os juizes. Não sei se tambem gosam e se divertem os escrivães, que lhes não correm tão bem os negocios. Os pobres devedores empenhados respiram um bocadinho; toque quem tocar á porta, salvo erro, nunca são os officiaes de diligencias, que esses tambem teem ferias, como os srs. juizes e as criancinhas.

Setembro, mez de ferias. Será por isso, será porque nos traz á lembrança tempos felizes de criança, que essa palavra nos apparece toda luminosa, como escripta em lascas de diamantes sobre seda azul.

Caem nas repartições verdadeiros chuveiros de partes-de-doente. Quem, pertencente ás raças degeneradas d'este fim de seculo, não soffre d'um bocadinho de esgotamento nervoso, ou d'uma ligeirissima affecção pulmonar, ou d'um bocadinho de neurasthenia, ou de arthritismo, ou de insomnias, ou de palpitações, ou d'uma sogra de quem se quer livrar pelo menos durante mez e meio? Para tudo isso são excellentes os banhos do mar, os passeios pelos pinhaes respirando o ar puro. Abrem o appetite; come-se como leões, dorme-se como bemaventurados. Parte de doente e toca a gosar da saude, que esta vida são dois dias.

— E, apesar d'isso, cada vez peor! Doente, sempre doente! É preciso que o medico me passe outra certidão. É-me necessario, pelo menos, mais um mez para assegurar a minha cura. Senão não posso. Aquella repartição deu cabo de mim. O meu chefe, cuidado, que é muito meu amigo, está no maior cuidado! É que eu, se morro, faço lá muita falta.

E, á noite, no club, enquanto o pobre pianista abre os pulsos n'uma contradança eterna:

— *En avant quatre!*

— *Grand rond!*

— *Au contraire!*

— *Changez de dames!*

— *Les dames au milieu!*

— *Suivez moi!*

E lá vai a bicha commandada pelo moribundo! É por onde agora se encontra alguma alegria, é por essas terras de banhos, desde a mais humilde, um pontosinho pequenino no mappa á borda d'um riacho sem nome, até ás mais elegantes, de que falam provincianas nas suas villas semsaboronas como de regiões maravilhosas de contos de fadas, Cascaes, Figueira, Espinho, Granja, Foz, Mattosinhos, Ancora.

Maravilha-se o mar, que, durante todo o inverno, gemeu o seu cantochão profundo contra as rochas negras e no interior das furnas, de tanta luz que o vem esmaitar, de tanta alegria, cujas notas lhe vem roçar sobre as ondas, de tanta mulher bonita que quer os seus abraços frios e cujos pés, tão brancos como a espuma, sua espuma vai beijar nas areias d'ouro.

Lindas manhãs luminosas, como essas lindas raparigas hão de mais tarde sonhar saudosamente comvosco! Vêde-as na praia, que animação! Não as cançou o baile d'esta noite.

Vibra o ar com as notas alegres dos risos, vibra a luz a refranger-se nos tons claros dos vestidos, nos tulles dos chapéus, nas faces setinosas ligeiramente cobreadas pelo sol e pelo ar do mar.

O sol vai subindo, vai aquecendo a areia. Procura-se as sombras das barracas, as dos barcos virados na praia, como grandes peixes mortos de ventres para o ar. E ali se continuam as conversações da noite, as tias falando de rijo, ellas baixinho, quantas vezes só com os olhos, outras nem isso, cada uma com o seu coração.

E o mar canta docemente beijando a areia, e é como um murmuro de beijos que a areia o bebe, fiel ao seu amante. Muitos escrevem n'ella os nomes que teem no pensamento, e vem o mar e nivella tudo. A areia e d'elle e só d'elle, é sua mulher como dizia o Hylario. Quando o sol lhe bate, parece cheio de palhetas d'ouro; enfeita-se para receber o esposo, uns dias ciumento como Orhelo, outros meigo e trovador como Romeu.

Pelas tardes, em longos passeios, vão os bandos por ali fóra, uns fieis ao mar, seguem junto ás ondas, fugindo d'alguma mais audaz que, quando a maré enche, corre altiva sobre as irmãs; outros preferem os pinhaes onde vão caminho aos torcicollos, subindo pela montanha.

Vão adeante alegres as crianças com os seus fatitos á meruja. O sol queimou-as, manchou-lhes os cabellos loiros. E nos pinhaes os risos d'ellas fazem fugir das arvores bandos de pardaes.

A' noite, reuniões no club. Os papás jogam, as mamãs conversam, as filhas dançam e namoram. Outras vezes, concertos de caridade, representações por curiosos. A's vezes ha quem vá bem, ha sempre quem vá muito mal. Deixal-o. Que importa um pedaço de má musica, um monologo semsaborão? Até dá que fallar, até é discutido! Quem vae ao concerto para ouvir musica, ao theatro para vêr a peça?

Ah! corações! corações! Como esse mar vos faz bater! Porque haveis de escolhel-o para confidente das vossas esperanças, dos vossos desgostos, mais tarde, das vossas saudades?

Nada mais volúvel, nada mais variavel do que esse mar immenso, onde a nossa vista se prega, horas e horas, até quando parece sempre o mesmo!

Por essas rochas fóra tudo são jardins maravilhosos. Em cada poça cavada pelas aguas na pedra crescem vegetações phantasticas, tão opulentas de formas como ornatos caprichosos d'uma cathedral, tão delicadas como filigranas, tão variadas em côres como as nuvens do poente. Em volta agarram-se as lapas, abrem-se conchas lavradas em canneluras, passeiam a ladear os caranguejos.

Brumas no mar. Perdem-se as noções de distancia. Barcos, que passam no nevoeiro, parecem enormes, muito altos sobre o mar, como navios phantasmias.

O sol nasceu. Desenvolve-se o perfume activo das plantas maritimas. Os raios d'ouro bebem o nevoeiro. As aguas brilham multicores scintillantes, como se os raios ethereos crystallissem em poeira de diamantes. As ondas batem nas rochas e a espuma vôa iriada.

Chegam á praia os barcos dos pescadores. Grande azafama. Os peixes na areia parecem laminas de prata a refulgir.

Abandonou o vento. Acolhem-se todos ás casas. Acabou a animação. Por detraz d'um vallado, meio occultas atraz d'um muro, passam scintillações brancas, vermelhas, amarellas, das sombrinhas das senhoras, correndo, fugindo ao calor. O sol segue em sua marcha triumphante. Velas ao longe mal se distinguem, porque os olhos encadeiam-se no espelho formidavel. O ar aquecido faz tremular as imagens.

Meio dia. É deserta a praia até que o sol desça. Começam depois a accumular-se as nuvens no horizonte.

Ah! crepusculos melancolicos de setembro, como encantaes os olhos!

As nuvens, que parecem de velludo lilaz, são como panno de bocca descendo gloriosamente sobre o ultimo acto da enorme e gloriosa tragedia do dia. Ha no céu todas as côres, desde o azul esbatido do manto de Nossa Senhora até ao oiro rutilante das trombetas dos anjos.

As gaiotas brancas, os alcatrazes escuros, gritam no ar, viram, reviram, pousam finalmente em bando nas ondas que os baloçam.

Quando ha nuvens negras no céu, fogem para a terra, e gaiotas em terra são nuncios de temporal.

Mas agora giram contentes, dizendo adeus ao dia, que o de amanhã será como de hoje, cheio de luz no céu, cheio de luz na terra, cheio de luz nas almas.

Cae a paz sobre as ruas. É noite. Silencio. Ouve-se apenas um murmuro de beijos.

Passa pela estrada um pescador cantando uma canção melancolica, arrastada, feita para o compasso dos remos. Um clarão suavissimo no oriente annuncia o nascer da lua. Dentro, um pouco pallida, muito doce, vae romper por detraz da fita escura do nevoeiro. O mar vae espelhal-a e na tremulina passarão brandamente velas brancas. Accendem-se as estrellas uma a uma.

O mar bate nas rochas. Salpicos sobem e recaem como lagrimas.

Accendem-se os faróes.

Longe ouvem-se os sons d'um piano tocando uma opera comica, e a voz forte, sadia, do homem doentissimo:

En avant deux!

Chevalier seul!

Grand rond!

Allez toujours!

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO ANDRADE REBELLO

NOVO DIRECTOR DO HOSPITAL DAS CALDAS

A morte de D. Rodrigo Berquó occorrida ha poucos mezes, deixou vago o logar de director do Hospital das Caldas, logar que o finado desempenhou superiormente.

D. Rodrigo Berquó empreendera e levava a cabo n'aquelle estabelecimento thermal, melhoramentos tão importantes que quasi transformaram completamente o antigo hospital instituido pela rainha D. Leonor.

A secundar, porém, esta grande transformação, teve Berquó um homem dedicado, de alma aberta a todos os progressos e engrandecimentos das Caldas, o conselheiro sr. José Filippe d'Andrade Rebello, medico de 1.ª classe d'aquelle hospital, que completou a obra do distincto engenheiro com a sua sciencia medica e extrema dedicação pelos doentes.

O sr. Andrade Rebello, estava, pois, naturalmente indicado para substituir a falta de D. Rodrigo Berquó, e tanto que logo foi nomeado para director interino do Hospital.

Aquella interinidade tornou-se agora effectiva e o sr. conselheiro Andrade Rebello foi nomeado director effectivo, nomeação que foi recebida com enthusiasmo pelo povo das Caldas e o agrado de todos que frequentam aquella estáo d'aguas.

O sr. conselheiro Andrade Rebello ha trinta annos que reside nas Caldas, tendo ido para ali logo que terminou o curso, na Escola Medica de Lisboa, em 1866.

Foi dos mais distinctos estudantes d'esta escola, onde teve por condiscipulo Sousa Martins, uma gloria da classe medica contemporanea.

Em 21 de janeiro de 1867, foi nomeado clinico do Hospital Real das Caldas e em 1876 medico de 2.ª classe, sendo, em setembro de 1877 promovido a medico de 1.ª classe.

A popularidade que tem em todo o concelho das Caldas é o premio justo das suas grandes qualidades de homem a par do cabal conhecimento da sciencia, que fazem d'elle um amigo querido e um medico conceituado.

A nomeação do sr. conselheiro Andrade Rebello para director do Hospital Real das Caldas é uma garantia para a boa administração e progresso d'este estabelecimento.

CONTRASTE

A escola hespanhola, que tantos artistas notaveis tem dado á difficil arte da pintura, acaba de produzir mais uma bella obra. É o quadro intitulado *Contraste*, trabalho consciencioso do moderno artista hespanhol sr. D. Villegas, e que a nossa estampa representa.

A suggestiva scena, que impressionou o distincto pintor do reino visinho, é deveras poetica e phylosophica. Dir-se-ia que se infleira nas obras de propaganda socialista, tal é seu assumpto. Uma creança pobre e um burguezinho rico, a mãe descalça pizando o asphalto dos passeios que o sol ardente da peninsula pôz quasi a ferver e a nédia ama que empurra o commodo e luxuoso carrinho dentro do qual, sobre fôfas almofadas, repousa o pequeno ser feliz, adornado, coberto de rendas preciosas e de firos pannos. D'outro lado, o pequeno rapazinho semi-nú ao collo da mãe dolorida e cheia de privações, debruça-se e insiste em querer ir tambem no carro do burguezinho.

Contraste real, tanta vez observado, o artista deixando-se de mysticismos archaicos e sahindo dos quadros de assumpto inspirado nas novellas e na historia maravilhosa de hypotheticos feitos de interesse restricto e de comprehensão erudita, dá-nos uma bella obra profundamente sentida, que se impôz a todos, sendo por todos comprehendida — e vae n'isso o seu maior merecimento.

Os quadros de genero, os quadros historicos e todas essas variedades em que tantos talentos se exgotaram embora nos legassem verdadeiros primores, de muito mais valor nos teriam deixado bellos quadros se procurassem como o sr. D. Villegas só copiar da natureza surprehendendo o que ha n'ella de bello, de emocional e de ensinado.

Feita a justa excepção para os grandes mestres



que assim procederam, podemos afirmar que a orientação da pintura moderna devia ser esta, a de reproduzir scenas cuja idealização fosse dada a todos, porque nada ha de tão sublime em qualquer das artes liberaes como o artista saber com a sua obra, impressionar o publico de forma a que elle possa sentir emoções simplesmente pela sympathy do seu sentimento. Assim, pois, confiando no espirito impressionavel dos nossos amaveis leitores, collocamo-lhes ante os seus olhos o bello quadro de Villegas, tendo a certeza que a opinião geral ha de ser favoravel ao estudioso artista.

AS BERLENGAS

FORTE DE S. JOÃO BAPTISTA

Agora que o governo está tratando de illuminar as Berlengas com pharoes de systema moderno, tem logar o darmos á estampa a gravura representando o forte de S. João Baptista, edificado na Berlenga Grande, assim denominada por ser a maior ilha d'este archipelagoso.

As Berlengas são um grupo de ilhotas que demoram 62 kilometros a O. de Peniche, em 32° 25' da latitude N., e 1° e 6' de longitude O. do Cabo da Roca.

Como se vê, a situação d'estas ilhotas é bastante proxima do Cabo da Roca e da entrada da barra de Lisboa, e como tal um bom ponto para ser fortificado como defeza maritima.

A Berlenga Grande mede uns tres kilometros de perimetro e é proximo d'ella que está edificado o forte n'um pequeno ihote a E, separado por um fosso, como se vê da planta que acompanha a gravura. A muralha do forte tem 22 metros de altura, e n'outras epochas estava tão bem artilhada, que os hespanhoes, em 1666, só por traição o poderam tomar.

Foi a 30 de junho d'aquelle anno que uma forte esquadra de 14 navios, sob o commando do almirante hespanhol D. Diogo Ibarra, atacou por mar e desembarcou na ilha mil e tantos castelhanos para tomar o forte. Mas ao fim de tres dias de combate os hespanhoes tinham perdido mais de 400 homens sem resultado favoravel para as suas armas. Não se pense, porém, que era numerosa a guarnição do forte que tão heroicamente o defendeu, porque apenas constava de 28 soldados e um cabo. Houve, porém um traidor, o soldado Lucas Alves, que se passou a nado para os hespanhoes a quem foi dizer que estavam sem munições, o que deu logar aos hespanhoes, que já tinham perdido a esperanza da victoria, voltarem á carga, sem que os nossos lhe podessem corresponder por não terem polvora.

O cabo portuguez que commandava a força, foi mortalmente ferido e chamava-se Antonio de Avelar Pessoa, natural de Athougua da Balea.

Esta victoria custou cara aos hespanhoes porque perderam além de 500 homens, tres naus: a chamada *Covadonga*, que foi a pique a O das Berlengas, uma que se afundou no Algarve e outra que chegou a Cadix em deploravel estado.

Depois d'isto D. Affonso VI mandou augmentar as obras de defeza e guarnecer o forte com nova artilheria, pois os hespanhoes levaram a que ali havia.

Até 1871 conservou o forte uma guarnição militar, mas hoje apenas tem lá uns veteranos para cuidar do pharol.

Não valeria a pena tratar da defeza d'este forte com boa artilheria de alcance?

Não será um bom ponto estrategico para a defeza da entrada de Lisboa?

Ainda hoje se vê na Berlenga Grande as ruinas de um convento de frades jeronimos, fundado pela rainha D. Maria, segunda mulher de El-rei D. Manuel, no anno de 1500. Ali viveram algum tempo frades que eram apanhados pelos piratas que ali passavam e os levavam captivos, de modo que os frades representaram á rainha e esta mandou então edificar um outro convento em Valle-Bem-Feito, no conselho de Obidos, para onde passaram, ficando abandonado o convento das Berlengas.

Depois d'isto não consta que as Berlengas fossem habitadas posteriormente, além da guarnição do forte.

São muito abundantes em caça e as gaivotas fazem ali os seus ninhos.

MORTE DO SULTAO DE ZANZIBAR

No dia 25 do mez passado falleceu em Zanzibar o sultão d'esta ilha, Barghash Seyd, que desde 1870 governava o seu pequeno paiz cuja população não excede 500:000 almas.

A situação da ilha de Zanzibar, capital dos dominios do sultão, é proxima da costa oriental da Africa, por onde se estende uma larga facha de terrenos, também pertencentes ao sultanato, que confinam com a nossa provincia de Moçambique. Esta visinhança tem dado causa a varios conflictos de Portugal com aquella potencia, e o ultimo d'esses conflictos foi em 1887 por causa da soberania portugueza na bahia de Tungue, que o sultão não queria reconhecer, o que só se resolveu pela força das armas.

Mas este pequeno sultanato, fundado por Oman, que ali estabeleceu a sua dynastia, tem sido alvo da cubiça de varias potencias, e não vae longe o tempo em que a Allemanha, a França, e a Inglaterra andaram em rivalidade pela preponderancia que queriam ter sobre Zanzibar.

Nesse jogo de interesses e ambições quem afinal preponderou foi a Inglaterra, contentandose a França com o protectorado de Madagascar; a Allemanha com o do continente dos territorios pertencentes ao sultanato; e a Inglaterra reservou-se a soberania da ilha de Zanzibar, ponto principal do commercio d'este paiz e residencia do sultão.

D'esta partilha de soberanias e protectorados, resultou que o sultão é simplesmente um testa de ferro, e o que menos governa no seu paiz.

Por este motivo a morte do sultão deu causa a uma demonstração de força da Inglaterra, que conservava, nas aguas de Zanzibar alguns navios da sua marinha de guerra.

O sultão fallecido tinha um tio, Sid Khalid, que se apoderou do palacio, logo que seu sobrinho morreu, e ali se intrincheirou com 700 *askaris* (soldados do sultão) para se fazer aclamar.

Como, porém, esta successão, segundo parece, não convinha aos inglezes, mas sim um primo do fallecido, Sayd-Hamond, obrigaram o pretendente a render-se, bombardeando o palacio com a artilheria dos seus navios *Racoon*, *Thrust* e *Sparrow*.

Os *askaris* sustentaram ainda a lucta, armando barricadas nas ruas de Zanzibar, mas tiveram que ceder á força da artilheria dos inglezes, sendo, por fim, proclamado por estes, sultão de Zanzibar Sayd-Hamond, no dia 28, isto é, tres dias depois da morte de Barghash Seyd.

BRITO ARANHA

(Concluido do numero antecedente)

Apezar de se conservar, desde longos annos, absoluta e systematicamente estranho a qualquer dos partidos politicos em que se divide, ainda mal! a familia portugueza, d'onde lhe vem, acaso, não poder ataviar-se com titulos e distincções de que tantos, que valem incomparavelmente muito menos, se basofeiam, o sr. Brito Aranha tem tido occasião de travar estreitas relações com quasi todos os escriptores e vultos notaveis do paiz, e com muitos do Brazil e do estrangeiro, tão conspiciosos, como, por exemplo, Romero Ortiz, Trueba, Alarcon e Emilio Castelar, em Hespanha, e o grande Victor Hugo, em França, do qual possui algumas cartas, e cuja biographia inseriu em tempo no *Archivo Pictoresco*, ampliando-a até com esclarecimentos obtidos do proprio biographado.

Muitas corporações populares e associações litterarias ou scientificas se orgulham de o contar no seu seio. Citaremos entre outras, que nos não occorrem, e pela ordem chronologica dos respectivos diplomas:

Associação typographica lisbonense e artes correlativas (fundador), 1852.

Instituto de Coimbra. Diploma de 10 de janeiro de 1863.

Associação Civilização Popular — Diploma de protector em data de 31 de dezembro de 1865.

Albergue dos invalidos do trabalho (fundador), e por serviços extraordinarios diploma de *bemfeitor*, passado a 10 de maio de 1868.

Sociedade de geographia em Lisboa (fundador) — diploma de abril de 1876.

El fomento de las artes (Madrid) — diploma de 6 de abril de 1876.

Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes (fundador) — diploma de 30 de novembro de 1880.

Académie Mont-Real, de Toulouse, membro honorario de 1.ª classe — diploma de 31 de outubro de 1881.

Sociedade protectora dos animaes — diploma de socio honorario de 21 de novembro de 1881.

Instituto libre de enseñanza de Valladolid (socio honorario) — diploma de 1 de setembro de 1880.

Instituto archeologico e geographico pernambucano (socio correspondente por diploma de 27 de

abril de 1882, e honorario por dito de 10 de novembro do mesmo anno.

Instituto historico, geographico e ethnographico do Brazil — admittido em 7 de agosto de 1885.

Real associação dos architectos e archeologos portuguezes (socio honorario) — diploma de 5 de setembro de 1885.

Academia real das ciencias de Lisboa (socio correspondente) — diploma de 11 de março de 1887.

Gremio artistico (socio fundador) — diploma de 1 de abril de 1890.

O sr. Brito Aranha está seriamente empenhado em restabelecer a antiga Associação dos Jornalistas, contando já com a cooperação da grande maioria dos directores dos jornaes de Lisboa.

Os respectivos estatutos subiram já á approvação do governo.

Pela excellencia dos seus livros para as escolas primarias, foi o sr. Brito Aranha premiado na exposição internacional de Vienna de Austria de 1873, e na exposição universal de economia domestica de Paris de 1872.

Na exposição agricola de Lisboa, realisada em 1884, na Tapada da Ajuda, obteve menção honrosa pela copiosa collecção de livros sobre agricultura, que alli apresentou.

Tambem na exposição musical celebrada na cidade de Milão, recebeu um diploma de menção honrosa por haver apresentado uma collecção de livros — theoria e pratica musical de varios auctores portuguezes, alguns *raros*.

No concurso aberto, em 1881, em Toulouse, pela academia de Mont-Réal, foram conferidas ao sr. Brito Aranha as palmas de prata *ex equo* (diploma de 21 de janeiro de 1882).

Por carta regia de 7 de novembro de 1866, foi condecorado com o grau de cavalleiro da ordem militar da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, pelos serviços prestados como vogal da Associação Typographica Lisbonense por occasião da terrivel epidemia de febre amarella, que assolou Lisboa em 1857.

Pela camara municipal de Lisboa foi-lhe, pelo mesmo motivo, concedida a medalha de prata (*febre anarella; serviços humanitarios*), sendo-lhe comunicada tal concessão por officio de 3 de agosto de 1869.

Além das *Leituras populares, moraes e instructivas*, e das *Memorias historico estatisticas, de algumas povoações de Portugal*, já citadas, o sr. Brito Aranha tem publicado, em separado, que nos conste, as seguintes obras:

Uma tradição religiosa, lenda por Emilio Castelar, traduzida do hespanhol. Lisboa. Typ. de J. G. de Sousa Neves. 1856. 32.º de 30 pp.

A galera do senhor de Vionne, romance de Amédée de Bast, vertido do francez. Ibi. na mesma typographia. 1857. 8.º de 68. xv pp.

O papa e o congresso. (Traducção). Ibi. Typ. do Futuro. 1859. 4.º de 16 pp.

O imperador, Roma e o rei de Italia. (Traducção). Ibi. na mesma typographia. 1861. 8.º gr. de 16 pp.

Os jesuitas em 1860. Traduzido de Ch. Habe-neck, com prologo e notas do traductor. Lisboa. Typ. de J. G. de Sousa Neves. 1861. 4.º de 32 pp.

A edição exauriu-se rapidamente, obrigando o auctor a sair com *segunda edição augmentada*, a qual tem o titulo de *Jesuitas e Lazaristas*. Ibi, na mesma typographia. 1862. 8.º gr. de 100 pp. É precedida de uma advertencia e introduccão, que occupam 37 pp. De pagina 90 até 100 contém-se um appendice, também novo.

Este opusculo mereceu ao auctor uma calorosa congratulação de Victor Hugo, em carta datada de Guernesey a 12 de junho de 1862, a qual foi reproduzida em muitos jornaes de Lisboa e das provincias.

Lendas, tradições e contos hespanhoes, colligidos e trasladados por Brito Aranha, e revistos por A. da Silva Tullio. Lisboa. Typ. de J. G. de Sousa Neves. 1862. 8.º 2 tomos com viii — 343 e 271 pp.

Eshocos e recordações — historia, biographias e descrições.

Contos, traduzidos de Trueba.

O primeiro livro da infancia, ou o a b c para as creanças e adultos. Livro para aprender a ler e a contar em pouco tempo. Adornado de muitas gravuras. A 2.ª edição é de 1888. em 16.º.

Este livrinho, premiado na exposição de economia domestica, em 1872, e na de Vienna d'Austria em 1873, vae já na 4.ª edição.

Compendio de chorographia de Portugal, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas, precedido de noções de geographia physica, e adornado de muitas gravuras. 1888.

Exposição agricola de 1884 na real Tapada da Ajuda. Instrução agricola. Grupo viii. — Classe xlvi. — Bibliographia. 1884. 8.º de 48 pp.

Nos varios jornaes, já politicos, já litterarios, em que, como dissemos, tem collaborado, en-

contram-se do sr. Brito Aranha muitos artigos e ensaios curiosos e bem pensados, que nos dispensamos de enumerar, para não tornarmos assim este trabalho demasiadamente extenso. Citaremos apenas, como mais digno de particular apreço e especial menção, os que se intitulam—*Papa e imperador*, inserto primitivamente na *Política Liberal*; *O casamento e a mortalha no céu se talha*, conto original; e *A mulher nas diversas relações da família*, estudo de maior folego, que saiu em diversos numeros do *Archivo pittoresco*.

Muito mais poderíamos e quizeramos dizer do sr. Brito Aranha, se não receiassemos que nos suspeitassem de parcialidade, attribuindo a profunda sympathia que nos inspira o boníssimo character do sr. Brito Aranha, e á sincera amizade que de ha muito lhe consagramos, o que não é mais do que a expressão da verdade e da justiça.

O que aqui deixamos escripto n'estes desalinhavados apontamentos, parece-nos, porém, de sobra para justificar de todo o ponto as palavras com que os precedemos, e mostram bem a toda a luz a personalidade, verdadeiramente distincta, do sr. Brito Aranha, que sabe honrar como poucos a imprensa e as letras.

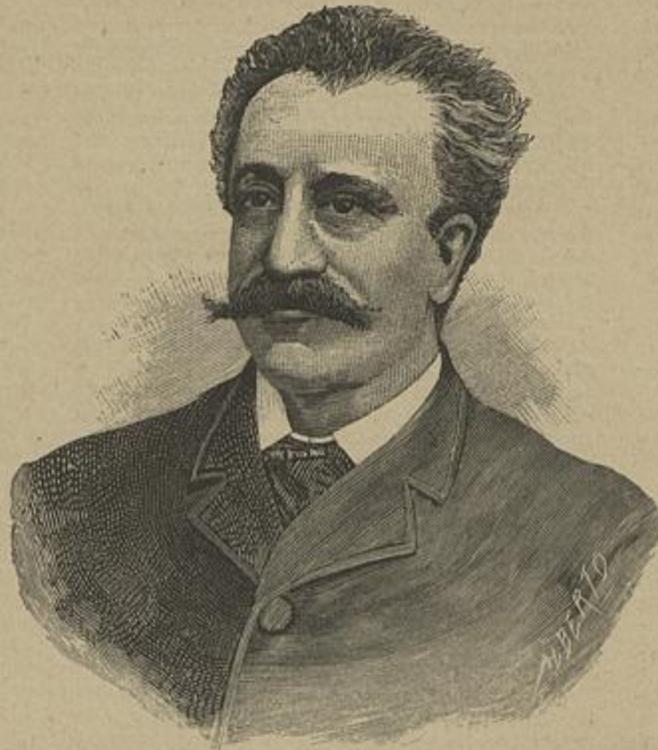
F. Pereira e Sousa.

O tumulo de D. Affonso de Albuquerque

(Concluido do numero 636)

De pouco me serviu o calço que tirei quando o monumento estava, ainda, a bordo do *Vasco da Gama*, e o meu amigo sr. João Camacho, obsequiosamente o photographava, com aquella delicada habilidade com que o distincto artista me tem auxiliado já em analogos trabalhos. Lê-se immediatamente á primeira vista, sem hesitações, a inscripção, e o menos experiente no assumpto logo tambem a reconhecerá como caracteristicamente do primeiro quartel do seculo xvi, na fórma, na orthographia e na dicção.

Melhor do que eu podia, ainda, contar, dizem como veiu e se acha hoje na Sociedade de Geographia, este monumento, os dois eloquentes documentos trocados entre o governador geral da India portugueza o sr. conselheiro Raphael de Andrade e o presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa o sr. conselheiro Ferreira do Amaral.



CONSELHEIRO ANDRADE REBELLO

NOVO DIRECTOR DO HOSPITAL DAS CALDAS

Trazido com todo o resguardo, com os mais respeitosos cuidados até, na sala de armas do couraçado *Vasco da Gama*, cuja viagem foi um pouco tormentosa, como todos se lembram, não quiz o sr. Ferreira do Amaral que elle desse entrada na Sociedade e para n'ella se conservar, entre as mais gloriosas reliquias que guardamos, sem um novo e visível testemunho da amorosa e honrada veneração do marinheiro portuguez pela memoria do genial estadista, do extraordinario soldado, do grande character e do grande coração que foi, mais do que o fundador do nosso derrocado imperio indiano, a mais alta e bella encarnação do Portugal intrepido, crente em si e na historia, em summa da forte e cavalheirosa individualidade por-

tugueza na conquista do mundo oriental pela civilização europêa e christã.

A bordo do que podemos chamar o nosso ultimo galeão, nas folgas da faina rija da travessia ou no repouso alegre do ancoradouro, fez-se de *sissó*, madeira da India, intencionalmente adquirida lá, esse modesto aparelho que respeitosa e guardada a pedra que absorveu os ultimos sóros do organismo do heroe extinto e que mais intelligente e honesta que os homens lhe salvou os ossos que estes deixaram estupidamente perder, depois.

Perder?...

Perdidos os têm considerado todos; não eu.

Permitta-se-me, a esperança de que possam ainda encontrar-se, um dia, cedo talvez, até.»

O relatório que vimos extractando é seguido de duas cartas, uma do governador geral da India, sr. Raphael de Andrade e outra do commandante do couraçado *Vasco da Gama* sr. Ferreira do Amaral, tão interessantes e de tão elevado amor patrio, que tambem as transcrevemos como dois documentos altamente honrosos para estes distinctissimos officiaes da armada:

I

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Este meu officio irá levar a v. ex.^a nas vespersas de sua partida de Goa para o reino uma grande e feliz noticia, que decerto fará estremecer-lhe de alegria e orgulho o coração portuguez. Em Velha Goa, ao arrazarem ha pouco tempo, por completo, as ruinas da misericordia e da igreja de Nossa Senhora da Serra, foi encontrado, entre gloriosas pedras sepulchraes atiradas a esmo n'um montão pelos demolidores estupidos, o tumulo que conteve até á era de 1565 a ossada do mais illustre dos heroes da grande epocha portugueza, do terrível e grande Affonso de Albuquerque.

Para as almas rudes e religiosas dos marinheiros, acostumadas aos presagios do desconhecido e da morte, esta noticia que a v. ex.^a mando será o prenuncio de um dia melhor para a nossa raça, como o santelmo que estrella de esperança as trevas das tormentas.

Quanto mais incerto e vago surge o problema da nossa politica colonial, e se declara franca e inilludível a crise moral hostile n'um paiz que é só nosso, e só poderá deixar de sel-o quando, mor-



CONTRASTES — QUADRO DE VILLEGAS

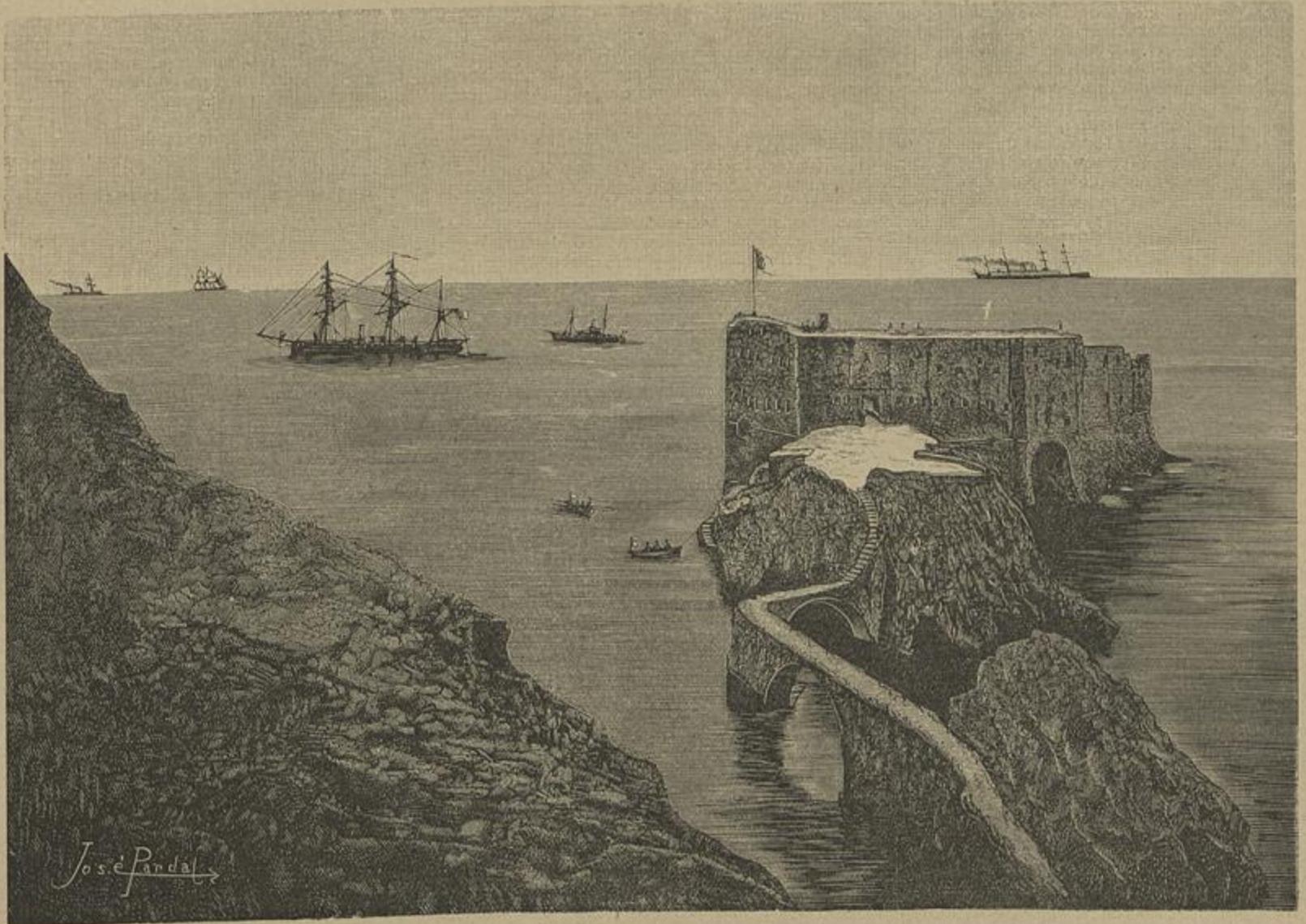
rer o ultimo portuguez, vem a sombra immortal do homem que encarnou soberanamente em si o genio tragico da raça, genio implacavel na energia tranquilla com que cumpre o destino, levantar-se de uma pobre pedra perdida nos escombros da antiga gloria, e iniciar-nos nos mysterios e na palavra de fé de amanhã!

O governador geral da India portugueza tem a honra de entregar, n'este momento solemne da nossa historia colonial, ao dignissimo presidente da Sociedade de geographia de Lisboa o tumulo do fundador de Goa, do conquistador de todas as entradas do mar das Indias, do «que primeiro entrou no estreito de Meca», do creador do imperio luso-oriental, para que se não esqueça Portugal

da tradição d'esse imperio, da bravura e do genio dos seus homens, para que, pondo de parte pessimismos de doentes e de corruptos, vá em sagrada e varonil homenagem a mais um puro altar da patria receber a inspiração, a confiança e a esperança de um dia melhor!

Por um acaso dos mais felizes, a crise de Gôa traz á India portugueza o nosso maior navio de guerra, consagrado ao nosso navegador de mais clamorosa gloria, a Vasco da Gama, diante do qual diz a lenda que tremeram as ondas do mar hindustanico. Commanda-o um ministro de brilhantes tradições ultramarinas, o proprio presidente da nobilissima Sociedade de Geographia de Lisboa, que é a alma do novo imperio afri-

concertado o batel com alcatifas de popa, onde o poserão, assentado em uma cadeyra muyto direyto, com almofadas que lhe metteram derrador, e todos os capitães no batel, e seus bateis com a gente após elle, e na prôa do batel sua bandeyra real com que entrava nas batalhas... E foram á cidade... Viera a noite, e á luz dos brandões «os capitães o levarão assy assentado na cadeira, posto sobre um palanquim, que era visto de todo o povo... «Foi enterrado em sua capella, onde n'esta noite lhe foi feita sobre a cova huma tumba de cinco degraus cobertos de veludo preto e em cyma hum sobreceço assy de veludo preto com uma cruz no meo, e n'ella pendurada sobre a tumba sua bandeyra real... Toda a gente fez grande pranto, e por



AS BERLENGAS — FORTE DE S. JOÃO BAPTISTA

(Copia de uma photographia)



cano, a origem do redemptor interesse pelas colonias.

Digne-se v. ex.ª levar a bordo do navio *Vasco da Gama* para o quarto centenario do descobrimento da India o tumulo do grande heroe terrivel, e, com alguns outros restos da velha metropole, offereça-o v. ex.ª, em nome dos portuguezes que estão na India, á sociedade benemerita a que v. ex.ª preside tão illustremente.

Na barra da Aguada, no lugar e no mez da sua agonia, mande v. ex.ª á despedida para o *Vasco da Gama* para que em honra do cenotaphio sagrado salvem de luto, de dor e de gloria os canhões de Portugal!

O heroe, segundo conta Gaspar Correia, «conhecendo sua morte fez uma cedola concertando as cousas de sua alma».

E mandou que o enterrassem na sua capella de Nossa Senhora da Serra da invocação da Conceição. «Sendo assy fallecido foy muy chorado dos que eram presentes. E foi

todas as ruas as mulheres casadas e as solteyras, que era cousa espantosa».

O oriente estremeceu ao morrer o grande homem. E o governador Lopo Soares de Albergaria, que «vinha industriado em desfazer em todas as cousas d'Affonso d'Albuquerque», e «sabendo as venerações que as gentes da terra hiam fazer a sua sepultura, a que punham froles eervas cheirosas, e fallavam com elle como se estivesse vivo e lhe faziam queixumes», mandou um dia ao védor das obras da cidade, que era o singelo e leal Gaspar Correia, que derrubasse essa capella que estava sobre uma porta da muralha, e que a ossada a deitasse debaixo de uma arvore grande que hi estava, ou a fosse deitar na igreja. Gaspar Correia recusou-se a praticar a infamia. Apenas accedeu a serrar as traves da capella e desfazer o sobrado. «E esteve a capella sem sobrado muito tempo».

De Ormuz, o capitão Pero de Alhquerque, — «que estava com muita magua sabendo os avexamentos que o governador fazia ás cousas de seu tio Affonso d'Albuquerque... n'estas naos mandou um seo criado com dinheiro, que cobrisse a sepultura com veludo preto, e lhe fizesse grades derrador, e que concertasse a capella de todo o

que cumprisse; e disse a Dom Aleixo quando se d'elle despedio: «Senhor, dizey ao Senhor Governador vosso tio, que os rumes estão em Camarão sem nenhum medo, porque estão vivos; que lhe peço por mercê, que deixe estar em paz os ossos de meu tio, que estão na cova. Dom Aleixo respondeu: «Senhor, eu servyrei vossa mercê em tudo o que me mandar, e n'ysso, que é tanta razão, farey o que vossa mercê ouvirá».

O tumulo de Affonso de Albuquerque que a v. ex.^a entrego, simples cenotaphio, deve ter sido feito em cumprimento do prometido por D. Aleixo de Menezes.

A data do fallecimento que se lê no epitaphio (15 de dezembro) não é a que dá o fidelissimo Gaspar Correia, mas approxima-se da que vem em João de Barros (16 de dezembro). A idade do morto tambem não é exacta, como o não é em Barros. A memoria da tarde dolorosa e resplandecente (27 de dezembro de 1815) em que pelo rio de Goa veiu vindo, sentado e hirto, o cadaver do grande Albuquerque, com a sua bandeira real com que entrava nas batalhas, confundia-se já, como de resto o pormenor biographico, na distancia e na vaga indifferença sobrehumana da lenda¹.

A ossada do maior dos portuguezes foi mandada para Lisboa em 1565 a pedido de Affonso de Albuquerque, o filho, sendo vice rei D. Antonio de Noronha, e chegou ao reino a 6 de abril de 1566, sendo depositada em 19 de maio na igreja da Graça.

Nos covaes da casa do capitulo do convento da Graça, misturam-se os restos de Affonso de Albuquerque com os ossos dos frades. A sua igreja de Nossa Senhora da Serra foi arrasada ha pouco até aos fundamentos. Memoria material do grande homem só nos resta pois este tumulo que o mais implacavel destino do genio ia ha pouco fazendo desaparecer brutalissimamente, como aconteceu com os de Fernão e Francisco de Albuquerque, nos caboucos do novissimo cemiterio dos conegos da Sé.

Vae bem entregue o tumulo venerando a v. ex.^a que na aspera lucta politica soube conservar, com a vivacidade e a fé dos annos juvenis, o fanatismo do seu paiz e o respeito pela sua raça. Salve-o agora, definitivamente, a patria para o jubiléu das epopéas esplendidas, e para a sagrada luz da sua transfiguração.

Deus guarde a v. ex.^a Nova Goa, palacio do governo geral do estado da India portugueza, 6 de dezembro de 1895. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, commandante das forcas de mar, a bordo do couraçado *Vasco da Gama*, presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa. — O governador geral, Raphael de Andrade.

II

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Quiz v. ex.^a, e bem haja, encetar o seu novo governo da India portugueza, prestando o patriotico culto da sua mais extremada consideração á memoria do maior dos seus antecessores, ao primeiro dos varões portuguezes que ao genio guerreiro e ambicioso da sua epocha soube aliar o espirito organisador administrativo; que creou o imperio das Indias para o dominio europeu; do conquistador que pôde, pela alteza do seu espirito, ao mesmo tempo energico, justo e previdente, interessar ainda depois de morto, pela consideração á sua memoria prestada pelos indigenas, o povo que governou, o qual tanto consubstanciava o seu nome no ideal da justiça, que pedia dos que lhe succederam, perante a pedra que encerrou seus ossos, segundo resa a tradição historica, pedia por vezes, em significativa romaria, para os que se lhe seguiram no mando superior do antigo imperio oriental portuguez, a inspiração do grande espirito justiceiro, do grande genio conciliador, nas temerosas crises a que tinham de prover de remedio.

Quiz v. ex.^a entregar ao modesto presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa a urna funeraria que, segundo se deprehende de Gaspar Correia, encerrou os ossos do grande Affonso de Albuquerque, secundando assim os louvaveis esforços e efficaz diligencia da commissão de patriotas que salvou esta preciosidade nacional do vandalismo ignorante das massas, em geral mais adoradoras do presente do que veneradoras do passado, que só se vê illuminado pela grande luz da historia, e que, se nos traz até ao presente a memoria dos grandes heroes da patria, tambem por vezes offusca os que não suppõem vir a gosar de vindouros igual mercê, e pensam por isso exaltar-se promovendo o esquecimento de alheios meritos.

¹ Vid. o relatório precedente que restabelece a exactidão do epitaphio.

O precioso legado, que v. ex.^a me fez a honra de confiar, ha de ser entregue na Sociedade de Geographia de Lisboa, guarda fiel das tradições dos nossos maiores, e ahí ficará para sempre vigiado pelos fanaticos das glorias patrias, que desalentos doentios ainda não poderam vencer, e que, inspirando-se no genio do grande epico immortal, para a celebração de cujo centenario tanto contribuíram, tem constituído, pelos seus estudos e pela sua propaganda, por vezes málsinada mas sempre victoriosa, o verdadeiro e maior elemento de defeza contra os que pretendiam fazer suppor que sob a bandeira gloriosa das quas portuguezas se não abriga já a antiga raça lusitana, tão forte de tradições heroicas como de ideaes generosos, tão illustre pelos seus feitos guerreiros como pela civilização que soube inspirar, e tem sempre continuado, não só pela dilatação da fé religiosa, mas ainda pela propagação dos triumphos liberaes da sua legislação, que todos tem applicado aos que n'ella confiam, e n'ella juram a sua fé patriótica.

Concorre v. ex.^a com uma parte importantissima, pela preciosa reliquia que se dignou de confiar á Sociedade de Geographia de Lisboa, para que a celebração do quarto centenario da partida de Vasco da Gama para a descoberta do caminho marítimo da India, tenha mais um poderoso e efficaz attractivo; e para que a par das conquistas guerreiras e christãs que tal centenario commemora, se preste o culto da mais particular veneração ao primeiro heroe da administração colonial portugueza.

E por isso, se em factos de ordem moral se podem procurar elementos de previsão de subida importancia, principalmente para espiritos ingenuamente imaginosos como são os dos orientaes confiados á administração de v. ex.^a, os modestos votos que faço, e digo modestos pela pessoa que os faz que não pela sinceridade e patriotismo que os dita, são para que na crise difficil que atravessa a nossa colonia da India, v. ex.^a sempre se inspire no espirito de justiça energica, aliada á mais conciliadora e sabia previdencia, no saber de experiencia feito do grande varão lusitano; e embora com o risco de, como elle, ficar pela injustiça das cousas politicas, mal com o rei por causa do povo e mal com o povo por causa do rei, v. ex.^a possa estar sempre a bem com a sua consciencia, e encarar portanto de animo seguro e tranquillo o julgamento imparcial da historia.

Deus guarde a v. ex.^a Bordo do couraçado *Vasco da Gama* no porto de Mormugão, em 7 de dezembro de 1895. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro Raphael de Andrade, governador geral do estado da India. — Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.

R.

PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares
de José Baretti, traduções do italiano

XX

Elvas, 22 de setembro de 1760, ás tres horas da manhã.

Foram baldados os esforços que fiz para obter copia do bando que ouvi hontem á noite ao cabo de Extremoz; pelo que, meus irmãos, tendê paciencia se ficastes privados d'aquelle extenso trecho de eloquencia lusitana. Offereci uma moeda de ouro, que era de tentar, a um pobre soldado para me obter o tal bando do seu pobre cabo; mas em poucas horas nada se pode fazer. Nunca me consolarei de haver perdido uma canna tão boa para pescar mais outro pedacinho do caracter portuguez! Esta manhã, isto é, hontem ás cinco da manhã (fixae a data), fomos accordados por quatro tambores, que vieram dar-nos a boa viagem com os seus instrumentos: costume inventado pela penuria militar, que não é possível dizer-se até que ponto brilha no uniforme do soldado portuguez. A fé que estes soldados, pela maior parte, nada tem de bom senão os bigodes, que usam tão compridos quanto lh'o permite a natureza do cabello. Se andassem bem vestidos e bem calçados, não produziriam mau effeito aquelles seus longos, fartos e retrocidos bigodes. Houve tempo em que os soldados de todos os paizes traziam todos aquelle adorno masculino por baixo do nariz. Não sei por que razão não querem mais usal-o da mesma sorte; comtudo, não pode negar-se que um bello par de bigodes dê um certo ar de intrepidez guerreira aos senhores da millitancia. Como já vos disse, tinha resolvido ir a Villa Viçosa, por cuidar que nunca mais, talvez, se me

offerecesse occasião de ver aquella terra. O sr. Eduardo, mostrou um pouco de má vontade em condescender com os meus desejos, porque está muito mais aborrecido do que eu da nossa maneira incommoda de viajar por estas incultas paragens; não obstante annui. Portanto, dentro de poucas horas tinhamos chegado a Villa Viçosa, apeámos-nos na estalagem, e mandámos um proprio ao guarda do palacio real, a que chamam aqui *almoxarife*, vocabulo derivado da antiga linguagem saxonica, em que significava exactamente *guardião da casa*. A nossa mensagem tinha por fim pedir ao dito senhor que permittisse a dois estrangeiros visitar aquelle palacio; e elle, com a maxima cortezia, prestando-se logo aos nossos desejos, mandou á estalagem um cavalheiro com as chaves, e elle proprio muito urbanamente estava no alto da escadaria, quando lá chegámos pouco depois. Foi breve a nossa visita porque não ha lá muito que ver. Numa sala muito grande estão em torno da abobada, pintados em tamanho natural, reis, rainhas, principes e princezas. Numa camara estão figuradas, tambem na abobada, não sei quantas virtudes cardinalias por um pincel muito mediocre. N'outra se vê Hercules em lucta com o leão nemeu; e tanto o filho de Alcmena como a fera estão tão mal feitos que ha quasi necessidade de escrever por baixo qual é Hercules e qual é o leão. Das outras salas não vale a pena referir como estão ornadas. Os moveis são muito mesquinhos. E a architectura da fachada é tão má que á primeira vista parece gotica, mas, reparando melhor, percebe-se que o architecto a quiz fazer toscana por baixo e jonica por cima. Na pequena cidade de Vicencia ha pelo menos dez edificios maiores e, sem comparação, mais bellos que o de Villa Viçosa; e os vicentinos com os seus dez edificios todos juntos não fazem metade da bulha que os portuguezes fazem com este só, o qual não se pode todavia chamar um palacio real, por ter sido mandado construir por um duque de Bragança antes de um seu successor se apoderar d'este reino. No tempo dos antigos reis de Portugal, e depois quando Portugal se tornou provincia da vasta monarchia hespanhola sob a dominação dos tres Filippes successivos, II, III e IV, aquelle palacio de Villa Viçosa era a residencia do senhor de Bragança, primeiro dos tres duques de que Portugal se ufana ou, para melhor dizer, se ufanava n'aquelles tempos. E é provavel que então o interior do palacio fosse algum tanto melhor do que é agora. quero dizer que o palacio tivesse mobilia um pouco melhor do que tem hoje. Ao lado do palacio ha uma casa de fraca apparencia que pertence ao senhor D. Pedro, já mencionado; mas não me foi permittido entrar lá, não sei porque. Ao pé d'essa casa está a capella, que chamam real, pequena e sem belleza nenhuma. Comtudo, possui uns castiões de prata bastante grossos, e algumas lampadas de prata massiça. Defronte da casa do senhor D. Pedro ha um jardim estreito e desprezado, e por detraz do palacio um pomar que nada tem digno de ver-se. Na villa não ha igualmente cousa nenhuma notavel, e sobre uma collina proxima está uma má cidadella, cujos muros vão cahindo aos pedaços como os de Extremoz. Em caso de assedio, não julgo esses dois castellos capazes de resistir tres dias contra uma bateria de espingardas ou de falconetes. O senhor almoxarife, que é a melhor cousa que encontramos em Villa Viçosa, deu licença para as nossas caleças atravessarem a tapada real, favor de que resultou tornar se o caminho mais curto e melhor. A tapada tem muitas milhas de extensão, mas parece antes deserto que tapada. Encerra algumas duzias de gamos, e, quando algum d'elles apparecia, os nossos caleceiros soltavam gritos para os fazer fugir; mas, comquanto essa fuga fosse causa de grande gaudio para os nossos caleceiros que nunca tinham visto gamos, e para dois creados do almoxarife que nos acompanhavam para nos ensinar o caminho, em mim não produziu alegria nem tristeza, porque vi milhares e milhares d'elles em muitos parques de Inglaterra, onde os comem aquelles que podem pagar a sua carne tres vezes pelo preço da de vitella ou de vacca, e que, para meu gosto, é com effeito mais saborosa do que a de vitella ou de vacca. A sahida da tapada não nos deu pouco trabalho subir e descer aquellas asperas collinas, sem quasi haver caminho para chegar a esta cidade, onde entrámos quando a noite estava muito adeantada. A uma legua de distancia de Elvas começa um aqueducto que me fez quasi recordar da magnificencia dos arcos de Alcantara, tão extenso é, e a tal altura se eleva ao passo que a gente se aproxima d'esta cidade, que está assentada sobre uma collina como Extremoz, e as suas fortalezas, como as d'esta villa, vão-se desmoronando e cahindo nos fossos. Mas é de paz esta

terra, e aqui não ha mister de fortalezas nem de soldados. O numero d'estes presentemente não passa de oito mil em todo o reino, e tirando os seus dezeseis mil bigodes não teem nada de terrivel, pois que são todos bellos homens, e andam todos vestidos e calçados como aquelles poucos centenares que com aspecto de muita bravura vão pedindo esmola aos transeuntes, não só nas ruas de Lisboa, mas tambem quando estão de sentinella, a quem quer que passa junto d'elles. Da banda de fóra da porta pela qual entrámos n'esta cidade de Elvas havia muita quantidade de gente e de gado cavallar e bovino, porque é tempo de feira. De um e outro lado do caminho muitos pannos dispostos á maneira de barracas, e as cordas que as sustinham atravessavam e impediam o passo, de maneira que não nos custou pouco fazer praça ás caleças debaixo d'aquelle constante cordame. Os mercadores da feira, ao extenderem as cordas d'aquelle modo, apparentemente não esperavam ter de as levantar para deixar passar carros, tão poucos são os viajantes que seguem aquella estrada que nós seguimos, quer com destino a Madrid quer a Lisboa. Ao ver toda aquella multidão de gente que tinha affluído á feira, começou-me o coração a pulsar com medo, porque de subito se me representou na imaginação a difficuldade de encontrar alojamento na estalagem, conjecturando que estaria muito cheia para nos receber. Todavia, a minha conjectura não foi demasiadamente illudida, porque, tendo allí chegado, disseram que até o mais pequeno cubiculo estava tudo cheio. Imaginae que embrulhada esta; e tanto mais que principiava a choviscar. Nem por isso deixei de me encher de coragem, e fiando-me nas fardas que tinhamos envergado para visitar decentemente o palacio de Villa Viçosa, saltei da caleça, e, atirando pela boca ousadamente com todo o portuguez que sabia, representei ao senhor estalajadeiro que *sua merce*, isto é, *sua senhoria*, não podia recusar-se a dar alojamento na sua estalagem, reflectindo com a sua costumada prudencia que tinhamos um grande passaporte de sua magestade fidelissima, com o qual, se carecesse usar d'elle, recorreria ao senhor governador. O estalajadeiro, mais desejoso de albergar estrangeiros agaloados do que portuguezes sem calções, tanto fez, ora com boas ora com más palavras, que finalmente enxotou um pobre burrico para fóra de uma loja, que uma porca preñe trocava pela respeitavel habitação de suas avos. Desventurado burrico, que estavas deitado sobre a tua propria pelle, resonando tranquillamente n'aquelle logar humido e sujo, gosa em paz d'esse pouco dinheiro que te dei para expiar a acção injusta em que indirectamente fui culpado! Tem paciencia, meu caro burrico, porque, embora a maior parte dos modernos poetas não possam comparar-se, quando muito, senão aos teus parentes, todavia, quando a fortuna caprichosa põe alguns galões na vestia d'aquelles, forçoso é que não sómente um burro, mas até um burrico ceda o passo ao senhor vate, e saia, quando for preciso, até de uma pocilga de Elvas, para que aquelle possa ter a preferencia em se alojar. Não houve outro remedio senão contentar com a tal pocilga, e tendo-se lhe mandado deitar no chão palha nova e esteiras velhas, foram collocados em cima d'estas com pompa magna pelo nosso grande Baptista os nossos sempre abençoados colchões, e em seguida tratou-se da ceia. Seria extraordinaria presumpção acreditar que seja possivel encontrar de repente qualquer cousa que se possa logo comer n'este paiz; mas que nos importava a nós que tinhamos comnosco uma *tacchina*, como dizem os florentinos, ou um gallo da India, como nós dizemos, com grandes quartos, e ainda por cima um presunto de Lisboa, capaz de fazer appetite a um grão-sultão que tivesse perdido a sua gran-sultania? E aqui, meus irmãos, vos direi entre parenthesis que os presuntos de Lisboa, até mesmo em Portugal, teem fama entre todos os glotões de serem ainda melhores do que os de Westphalia e de Baiona. Mandou-se, pois, assar o gallo, e entretanto entrámos n'um casarão, para o qual davam alguns quartos, todos tão cheios de gente que o sobrado rangia. Em todo elle estavam muitos homens estendidos e deitados no chão, com os seus capotes a servirem de cama, e todos elles dormiam ou pareciam estar a dormir. Quando cheguei ao meio do casarão, tomei-me de terror, porque, tendo a cabeça cheia de terremotos, senti tremer de repente o pavimento debaixo dos meus pés; mas, por felicidade, era apenas o meu andar que fazia oscillar a casa. Tendo dado alguns passos para cá e para lá, alguns almocreves, ainda muito moços, sahiram de um dos quartos, e um d'elles principiou a arranhar n'uma guitarra, e ou-

tro a acompanhá-lo com uma modinha hespanhola. Mal tinham os dois musicos dado signal das suas harmonicas facultades, quando de subito sahiram dos quartos, que ficavam aos lados de aquelle casarão, mais de trinta pessoas, entre homens e mulheres; e, para dizer tudo em poucas palavras, em tres minutos começaram certas danças chamadas seguidilhas e outras chamadas fandangos que me encheram a alma de alegria. Aqui era mesmo necessario que eu me tornasse um pato, e que todas as pennas d'elle mesmo fossem pennas de escrever, e que estas pudessem tudo escrever por si para dizerem com o merecimento d'aquellas danças, dos trajos, das figuras, das phisionomias, dos gestos, das palavras, dos olhares penetrantes, e do contentamento e da elasticidade, tanto dos dançantes como dos espectadores.

(Continúa.)

Alberto Telles.

THEATRO CHINEZ

Alguns annos atraz, o viajante que abalava por esse mundo fora, em busca de impressões novas, ávido de cor local e dos aspectos pinturescos assim das coisas como das gentes, encontrava ainda, pela Europa, aqui ou acolá, em uma que outra d'essas remotas regiões, desviadas do movimento e onde a civilisação a custo penetrava, fartos elementos com que satisfazer a sua curiosidade artistica. Mas hoje, isso sim! O moderno cosmopolitismo é implacavel, vae, pouco a pouco, passando por cima de tudo a razoura da banal uniformidade; e não ha, por assim dizer, um só dia, em que não desapareça qualquer tradicional e velha usança, ou um traço pinturesco e original.

Hoje, ó Mafoma! Até o vosso turco moderno veste fato de *cheviot*, lê Zolá, paraphraseando o aphorismo do Tartufo, entra em amigaveis arranjos com o Alcorão ou a consciencia, e está sendo menos mau fréguez do champagne. Do Japonez, então, não falemos. Esse é tudo quanto ha de mais fim de seculo.

As ilhas Sandwich, a de Madagascar, Otahiti, dão assíduas leitoras e assignantes aos jornaes de modas, e nem ás proprias rainhas Pomaré e *madame Rainainilainavoni* (safa!) é já facil impingir qualquer d'essas fancarias estapafurdias da *passage du Saumon*. As *bas bleus* turcas, (que andam, aliás, descalças) escrevem romances, defendendo a emancipação da mulher. Se até a estirpe monarchica de Sião já botou duas gerações de photographos!... Banal, o elefante branco!... desprestigiado em duzias e duzias dos regios clichés!

El rei dos Abexins, de indole e gostos menos pacificos, pelos modos, que os seus collegas cor de ictericia, não é extranho aos processos bellicos dos Moltke, dos Wrangel e quejandos, e vae pregando, em inimigos mais pulidos, a sua tosa, com toda a limpeza. A Australia a Nova Zelandia, o Cabo da Boa Esperança protegem as artes e importam, annualmente, milheiros de libras de quadros e de esculpturas para enriquecimento das suas galerias e museus. Se até mesmo, lá no fundo d'esses sertões africanos, os pretos já apresentam o seu grande homem! Khama, rei dos Bagmam'muatos, em talento, sabedoria e virtudes, pede meças a qualquer dos mais graúdos heroes de Plutarcho ou de Perrault. E é orador! Tem cada rasgo de eloquencia! A convicção religiosa, a logica, a poderosa argumentação d'esse Solon de pau santo, fariam empallidecer de inveja o proprio John Knox ou William Penn.

«E assim vae estando tudo», dirão com os seus botões esses felizes da terra que, na distribuição das cautellas d'essa constante loteria dos dons da Providencia, apanham a sorte grande: bom gosto, saude, dinheiro e vagar para o derreterem. Então, se já não ha que vêr; se o mundo está virado; macadamizados, d'aqui a nada, os Pampas, o Sahara; uma avenida alinhada, depois de amanhã, pelos steppes da santa Russia; se, em vez do viandante ir por ahí além a vê-lo, o Universo lhe poupa amavelmente trabalho e encommodo e, n'essas frequentas exposições universaes o vem de muito longe ver a elle: deixar-lhe o seu bilhete de visita; então onde se ha de ir, d'ora avante, á procura de novidade... de imprevisão?!

Aonde? Vão á China. O chim já possui cou-raçados, é verdade, uma amostra de caminhos de ferro; mas, descansem, ainda não cortou o rabicho. Tem por lá muita coisa rara, de feito estranho, desusado, e que ao europeu lhe vale a pena vêr; nas quaes, em um ou outro caso, ainda encontra até que aprender, e senão, entremos, com o viajante allemão Miterwurzer, n'um theatro chinez da California

Na cidade de S. Francisco, diz o citado viajante, onde, por cada dois individuos, um é chinez, existe um theatro de grande fama, e vem frequentemente honralo com a sua presença os mais reputados e talentosos actores de Pekim, os do theatro Imperial, inclusivé. É tão concorrido, que o publico, ávido de espectaculos dramaticos e ansioso por não perder o logar, vem as mais das vezes acampar em multidão, durante dois ou tres dias, nos arredores do theatro, á espera da récita — e ditoso o que consegue entrar.

Esta casa de espectáculo, de proporções grandiosas, occupa o centro do grande bairro chinez, e é toda construida de madeira, apesar dos tristes e frequentes exemplos de incendio, taes como o do Ring Theater, da Opera Comica, e quantos mais. Penetra-se no vastissimo edificio, descendo alguns degraus que vão dar a um corredor subterraneo, tão estreito, que os espectadores tem de desfiar, um a um, quer á entrada, quer á sahida.

A impressão desagradavel que produz no visitante inquieto tão singular e perigosa disposição, é ainda agravada pelo aspecto medonho d'esses idolos de feias carantonhas que, dos nichos, abertos a intervallos nas paredes, o contemplam com os olhos fitos, esgazeados. Ha mais d'estes horrendos estafermos collocados pela sala immensa de espectáculo e, na frente d'elles, grandes brazeiros, onde, sem cessar, fumegam o incenso e outros perfumes. Isto, na Europa, era caso para os mais energeticos protestos contra o perigo de incendio, mas, lá para o chim apathico, conservador intransigente, não tem duvida... tudo vae bem; nem por ora ha, por lá, associações de bombeiros.

«Na China, disse um viajante humorista, anda tudo de pernas para o ar... tudo se faz ao contrario, mesmo o que é feito com perfeição», e o caso é que a entrada no recinto reservado aos espectadores realisa-se atravez da guarda-roupa e *foyer* dos actores, os quaes, sentados, agachados em circulo, fumam, impassiveis, o seu opio; e o espectador tem ensejo de admirar de perto os sumptuosos e dispendiosissimos fatos, deslumbrantes de ouro, prata e fulgurantes jóias. D'alli penetra-se na caixa do theatro (não dizemos nos bastidores, porque é coisa que lá não existe) e, por uma escada acima, vae-se ter á platea. De um e outro lado do proscenio perfilam-se cadeiras e bancos, tal qual como outr'ora no theatro de Molière, reservados para estrangeiros de certa importancia ou para chins de elevada cathegoria. Os espectadores do sexo masculino sentam-se na platea, sobre tabuas estendidas pelo chão, e as damas occupam elevadissima galeria espécada, que circunda a sala. No fundo do palco scenico ha uma capella, ao centro da qual campá um idolo assaz feio e de avantajadas proporções, tal qual outr'ora, em Athenas, o nume Dionisio presidia ao theatro. Scenário é luxo que por lá se não usa, apenas de cada lado do palco uma porta; pela da direita entram os homens e pela da esquerda as mulheres, isto é, os marmangos que fazem de mulher. Os actores fallam, ou guincham, sempre no mais esganiçado falsete. Isto, para o timpano e para os nervos do pobre espectador europeu, constitue sensação tão agradavel como a do som de uma panella de barro raspada com uma faca. Imaginem um desgraçado, submettido a tal supplício desde as cinco da tarde á meia noite! Quando sahe cá para fóra, se não é chinez, durante pelo menos o primeiro quarto de hora, tudo o que diga lhe sahe por força em voz de sovelão!

E comtudo, aquelles energúmenos tão extravagantemente vestidos e caracterizados e cujos esgares medonhos, cujo aspecto fantastico, a principio, produzem no espectador a impressão de que está assistindo a uma representação de *fantoccini*, de titeres, de *marionettes*, são uns actores de veras extraordinarios. Actores, ou mais acertadamente, funambulos, a dicção, a elocução do actor chinez restringe-se á tal irritante e monotona cantilena, a essa convencional e hyperthica melopeia, em tom de clarinete de padeiro. A mimica, porém, a pantomima são espantosas de verdade; tão claras, sempre, e tão expressivas, já nos lances mais comicos e burlescos, já nas situações dramaticas ou nos paroxysmos terriveis da tragedia. O comediante chinez, n'este terreno, lança a barra adiante em realismo ao mais peregrino dos seus collegas europeus — Kean, Macready, Buckstone, Talmá, Lemaitre, Ravel, Sonntag, Barnay, Junckelmann! acharieis talvez que aprender com o *John amarillo*, vosso exotico collega. O forasteiro que, pela vez primeira, assiste a uma recita de actores chinezes, por mais extranho que seja á lingua do Celeste Imperio, passadas as primeiras scenas, e graças á proficiencia d'estes rivaes de Debureau e do Carlini, começa desde logo a comprehender a acção e o enredo da peça.

Levam o comico, o burlesco muito alem dos extremos limites da caricatura: um d'elles, por exemplo, escancarava, de tempos a tempos, a bo-carra immensa da indisciplinavel carantula de papelão, deitava de fóra a compridissima lingua, e com ella fazia coegas no nariz e nas orelhas das outras personagens. E comtudo, no genero comico, não tem rival estes actores, e estou em dizer que o proprio Shakespeare se acaso os tivera visto representar, nos teria, talvez, privado d'aquelle tão celebre trecho, em que o principe Hamlet dá conselhos e instrucções aos actores ambulantes.

O scenario e respectivas mutações, toda a parte descriptiva da peça, em summa, estão a cargo d'um unico individuo, que accumula as funcções de scenographo, de machinista, de contra-regra e de ade-recista.

Vejam, como amostra, a execução de um criminoso: o tal Faz tudo entra com um cesto cheio de terra, despeja-o acogulando-o sobre o tablado do palco scenico; e isto fica significando uma montanha. O algoz e ajudantes, em seguida, começam a fazer menção de estarem trepando por aspera ladeira, a fim de attingirem ao cume da elevada montanha, arfando, estafados, limpando o suor da testa. Volta a apparecer o nosso Faz-tudo; traz uma vara e espeta-a no montão de terra; é uma arvore. Agora, trazem o condemnado, bem amarrado e guardado á vista, e obrigam-n'o a escalar o tal monte. Faz-tudo tira da algibeira um barão, ata-o na ponta da vara erguida, e o outro extremo enlaca-o de roda do pescoço da victima. O infeliz enforcado deita a lingua (e que lingua!) de fóra, e faz menção de estar dependurado, e depois elleahi vae pela porta fóra, muito descancado da sua vida, e adiante d'elle mestre Faz-tudo, com a vara e a corda debaixo do braço.

Toda esta manobra é, não ha duvida, irrisoria a mais não poder ser, e comtudo, tão verdadeiro, tão convincente é o mimico desempenho, que nem por sombras dá vontade de rir: o certo é que estes actores-funambulos são artistas, e artistas eximios, no seu genero. Devidamente apreciados e admirados pelos seus conterraneos, vencem elevadissimos estipendios; são ainda mais bem pagos que os seus collegas norte-americanos.

Não é Miterwurzer o unico viajante que encarece o merecimento dos comediantes chinezes; em outras relações de viagem, inglezas e francezas, inclusive n'uma carta de certo auctor dramatico parisiense, encontra-se a confirmação de taes apreciações.

Pin-Sel.



REVISTA POLITICA

Continua a mesma paz pôdre na politica cazeira, paz propria da estação que vamos atravessando, em que alguns politicos jogando a batotinha e refrescando se por essas praias, debalde procuram lavar-se nas aguas do Oceano das culpas que lhes pezam na consciencia, se é que esta ainda tem alguns restos de resistencia á tyranna ambição que os domina.

A ambição de uns que sabem perfeitamente quanto valle o dinheiro e o espirito imaginoso e poetico de outros que ignoram completamente o valor do precioso metal, são dois inconvenientes com que os governos tem de lutar na sua administração, e quanto melhor administrarem os fundos publicos maior será a opposição, porque maior será o numero dos descontos.

D'este modo para os governos se sustentarem tem forçosamente que satisfazer as pretensões mais ou menos justas, mais ou menos ambiciosas de quantos os rodeiam e, como por mais que façam, não é possivel contentar a todos, a opposição engroça á maneira que os governos se gastam e assim se succedem as situações fazendo mais politica do que administração, mal de que tem enfermado as finanças do Estado.

Estas considerações vem a proposito do adiamento das festas do centenario da India, por ser impossivel fazer coisa alguma com as verbas vota-

das pelo parlamento, e o governo entender e muito bem, que não deve exceder as despezas autorizadas, que são as que cabem dentro dos limites das forças do thesouro, nas actuaes circumstancias.

Domina aqui a tal imaginação poetica, que não quer saber quanto valle o dinheiro nem d'onde elle ha-de vir.

O plano das festas do centenario exige taes despezas e tempo, que umas e outro é impossivel conciliar no prazo já inferior a um anno, que tanto é o que falta e por isso afigura se-nos muito mais prudente e sensato addiar essas festas para 1899, no que todos lucrarão inclusivé o bom senso.

Ninguem contesta quanto é glorioso para Portugal lembrar esse grande serviço que prestou ao mundo e á civilisação e quantos beneficios dimanaram d'elle para a humanidade. Não deve



O SULTÃO DE ZANZIBAR — FALLECIDO EM 25 DE AGOSTO DE 1896

passar sem uma commemoração solemne esse facto historico, o mais solememente que fôr possivel; mas para que assim seja é preciso que o bom senso se não ponha de parte e tudo se faça com juizo.

Que commemoração condigna se poderá fazer, faltando o tempo material para concluir tudo que está projectado?

A França, que é um paiz de recursos de toda a ordem, projecta as suas exposições com dez annos de antecedencia; em Portugal projectam-se exposições, para as quaes são precisos edificios especiaes por não os haver feitos onde ellas se accomodem e quer-se fazer tudo em meia duzia de mezes.

Deveria estar prompto para a epoca do centenario o edeficio dos Jeronymos e ainda agora se estão discutindo os projectos para a sua conclusão.

Deveriam estar terminadas as obras marginaes do Tejo e ainda falta uma das partes mais difficeis d'essas obras, que não poderão estar concluidas a tempo.

Seria preciso dispender alguns milhares de contos e por emquanto as receitas calculadas e as verbas votadas não chegam para metade.

Nas melindrosas circumstancias em que se encontra o thesouro publico, qual será o governo que tenha a temeridade de se abalançar a despezas que não estejam orçadas e para que não tenha recursos certos?

É preciso deixarmo-nos de phantasias, muito proprias d'este povo peninsular, e medir bem todo o alcance das coisas, para não termos desillusões.

É possivel que estas nossas palavras não agradem a todos, mas estamos seguros de que estará comnosco toda a gente de bom senso, que não deseje vêr um fiasco como, afinal, foram as festas antoninas.

É simplesmente uma questão de tempo e mais nada e como o tempo é que faz tudo, se elle fôr bem aproveitado, a commemoração será mais brilhante, sem se deitar dinheiro pela janella fóra como é costume cá, ainda que para isso se tenha que pedir emprestado, o que é um verdadeiro cumulo.

Os patriotas que nos perdoem esta franqueza e cream que é justamente o amor patrio que nos inspira estas ideias, porque receiamos muito que o grande facto historico que tem a commemorar, venha a cahir no ridiculo de qualquer feira com barracas de pin-pan-pun e exposição de figuras de cera.

E com isto temos enchido os quartos de papel destinados a esta revista, que afinal a muitos parecerá que do que trata menos é de politica, quando a politica de que ella trata é a do bom nome de Portugal que prezamos acima de todas as phantasias de poetas.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Taboas chronologicas para se encontrar com exactidão qualquer epoca, desde o descobrimento do Brazil, 1500 até 2000. Maranhão. Brazil, 1896.

Em nome do auctor, o distincto brasileiro, sr. Ser-a Martins, foi-nos offercido um exemplar do interessante trabalho, acima mencionado, pelo sr. José Antonio Asper do Rego.

Começando por agradecermos a oferta, diremos que este estudo chronologico está muito bem ideado. As taboas reduzem-se a cinco, impressas n'uma só folha de magnifico papel.

As primeiras quatro são as taboas dos annos de 1500 a 2000, divididas por seculos. N'ellas ha, á direita, impressos a vermelho, os algarismos que representam os annos na progressão semanal. A quinta é a taboa dos mezes.

Nas regras para encontrar o dia da semana de uma data precisa, vem claramente indicado o modo de operar. Nós, que fizemos alguns calculos, achámos a maior facilidade e precisão. Vae n'isso o melhor elogio d'este trabalho.

ALMAMACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE» Para 1897

Está no prélo e accitam-se annuncios até ao fim do mez.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Recebem-se desde já encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 27